

UMA NOVA PERSPECTIVA NA EDUCAÇÃO: VALORES HUMANOS E SABERES ESCOLARES

SCHIFFER, Mônica Brunner – PUCPR
monicaschiffer@gmail.com

Área Temática: Educação: Profissionalização Docente e Formação
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este artigo traz a tona e tem como objetivo principal, pesquisar a nova perspectiva na educação, os valores humanos *versus* saberes escolares, enfocando questões práticas e situacionais na relação educador/aluno/sociedade, utilizando-se entusiasticamente do pensamento de Freire, Martinelli e Tiba. O ser humano necessita conviver com os demais e, se a convivência for harmônica, com respeito à individualidade de cada um, ter-se-á um mundo melhor. Considerando a necessidade de estudo dessa questão, verifica-se a importância de se identificar a relevância da aplicação dos Valores Humanos no contexto escolar. O estudo tem como método aplicado uma análise bibliográfica, considerando diversos aspectos, raios de ação e os fenômenos causadores desses efeitos, sobretudo, no meio escolar e suas conseqüências. A aplicação desses instrumentos educacionais se processa por meio de uma metodologia sistemática, visando nortear a inteligência e sensibilidade do aluno. No entanto, a forma como o professor conduz é de relevante importância na formação da identidade que o aluno assumirá no contexto de sua vida. Entende-se que a educação deve transmitir saberes e saberes-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, sendo a base para formar a competência no aluno. Com isso, pois, pais, parentes e professores devem agregar-se para transmitir a verdade, o amor, a paz, a ação correta, a não-violência e a segurança ao educando no decorrer de seu desenvolvimento. A inserção dos valores humanos na escola é de fundamental importância para uma melhor qualidade de vida nos relacionamentos humanos, em especial, no meio educacional, familiar e social, considerando todo o processo social pelo qual o homem irá passar ao longo de sua vida.

Palavras-Chave: Valores Humanos; Saberes educacionais; Pilares da educação; Novos parâmetros.

Introdução

Na prática educativa são criados espaços alternativos de ação que podem representar um movimento de transformação e de criatividade, contudo, a mudança de postura dos educadores(as), deve buscar compreender uma realidade não fragmentada, tendo como eixo principal a autonomia da vida diária do indivíduo, a educação da afetividade, as formas de convívios e a cooperação, a ajuda e os direitos e deveres mais elementares.

Para isso, o compromisso do educador(a) é com a cidadania, implicando na prática de princípios éticos, respeito, solidariedade, responsabilidade, uso construtivo da liberdade, autonomia e princípios políticos, que incluem direito e deveres de uma vida cidadã.

O desenvolvimento da afetividade implica na capacidade que as pessoas têm para expressar e receber afeto, sendo progressivamente limitada e moldada. Compreender os fenômenos que governam a vida na terra, partindo de uma ação consciente, capaz de modificar contextos próximos, vislumbra a liberação de uma certa criatividade na tentativa de modificar as estruturas sociais estagnadas.

A educação deve transmitir, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saberes-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro. Simultaneamente, compete ao educador(a) encontrar e assinalar as referências que impeçam o aluno de permanecer apenas submerso à simples informações que invadem os espaços públicos e privados, mas uma educação que seja orientada para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos.

Cabe à educação fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo, cuja bússola permita navegar através dele.

A questão norteadora desse estudo, segundo Martinelli (1999, p. 28-30), Freire (2003, p. 55) e Tiba (2002, p. 83) é, de que forma os ensinamentos de Valores Humanos poderiam facilitar o desenvolvimento do aluno?

Todavia, a justificativa para esse questionamento reside na importância da aplicação de Valores Humanos no contexto escolar. O ser humano necessita conviver com os demais e, se a convivência for harmônica, com respeito à individualidade de cada um, ter-se-á um mundo melhor.

Considerando a necessidade de estudo dessa questão, verifica-se a importância de se identificar, por meio de análise bibliográfica, a relevância da aplicação dos Valores Humanos no contexto escolar.

Os saberes escolares e os valores humanos para a educação

Segundo Martinelli (1999, p. 18), os valores absolutos são “a verdade, a ação correta, o amor, a paz e a não violência”¹. Os valores relativos, segundo o mesmo autor, são:

[...] a verdade, o discernimento, o interesse pelo conhecimento/busca, a auto análise, o espírito de pesquisa, a perspicácia, a atenção à reflexão, o otimismo, a sinceridade, a honestidade, a exatidão/síntese, a coerência, a imparcialidade, o sentido de realidade, a justiça, a lealdade, a liderança e a humildade.

Para Martinelli (1996, p. 20), cada valor absoluto corresponde a valores relativos, os quais devem ser ressaltados, assimilados e praticados no cotidiano. São os instrumentos de aprimoramento da personalidade, que se molda constantemente para que possa atingir seus verdadeiros objetivos.

Martinelli (1999, p. 21) afirma que os valores humanos, na escola, estão presentes na apreciação e assimilação do conhecimento de todos os conteúdos a serem ensinados. Os valores integram o conhecimento, a família, a escola e a vida em sociedade. Vinculam o ensinamento ministrado na escola às circunstâncias da vida, construindo uma consciência da ética e da estética do bem.

O papel do educador é de relevante importância no contexto da educação, em que o mérito da paz faz de sua tarefa docente não apenas o ensinar os conteúdos mas também ensinar a “pensar certo”.

O ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, por isso, pensar mais amplamente, coloca à escola o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, principalmente, os das classes populares chegam à ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária. O educando(a) deve discutir com os alunos a razão de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos.

Face à importância do conceito de “valores humanos”, Cury (2003, p. 72), ressalta que bons professores são mestres temporários, professores fascinantes são mestres inesquecíveis e procurados pelos alunos. Um professor fascinante é amado, preocupa-se em transformá-los

¹ O medo, a violência, o desinteresse e a desesperança permeiam todas as faixas etárias e todos os grupos sociais. Se está diante de desafios extremos, e precisa-se aprender a exercitar-se como seres humanos, integrando competência e sensibilidade, ação eficiente e amorosa, aliando a perspectiva linear dos resultados à consciência da complexa repercussão da ação. Esta proposta não oferece um modelo fechado, uma receita pré-fabricada de ser humano competente e feliz, pois isso, seria reduzir as potencialidades. A complexidade humana faz perceber que assemelham-se à artistas, cientistas, e empreendedores. E, unindo a razão e emoção podem integrar razão e emoção, ver o mundo com os olhos inteligentes do coração.

em engenheiros de idéias, ser um mestre inesquecível é formar seres humanos que farão a diferença no mundo. Suas lições de vida marcam para sempre os solos conscientes e inconscientes dos seus alunos, o tempo pode passar e as dificuldades podem surgir, mas as sementes jamais serão destruídas.

Professores virtuosos educam seus alunos para a vida, tem o poder de transformar o destino de um povo em um sistema social sem armas, tão somente por prepararem seus alunos através de um espetáculo de idéias. Sua força é imbatível, inflamam a sociedade com o calor de sua inteligência, compaixão e singeleza, são livres e por isso pensam e amam a vida. Seus alunos costumam adquirir um bem excelente, a “consciência crítica”. Não são controlados, manipulados ou chantageados. No mundo das incertezas costumam saber o que querem, são promotores da auto-estima (CURY, 2003, p. 74-79).

Segundo Cury (2003, p. 80):

Os professores fascinantes objetivam que seus alunos sejam líderes de si mesmos. Proclamam de diversas formas em salas de aula aos seus alunos: ‘se empreenderem, não tenham medo de falhar. Se falharem, não tenham medo de chorar. Se chorarem, repensem a sua vida, mas não desistam.. Dêem sempre uma nova chance a si mesmo. Quando as dificuldades abatem seus alunos, quando a economia do país está em crise ou os problemas sociais se avolumam, eles novamente proclamam: ‘os perdedores vêem os raios. Os vencedores vêem a chuva, e com a ela a oportunidade de cultiva. Os perdedores paralisam-se diante de suas perdas e frustrações. Os vencedores vêem a oportunidade de mudar tudo de novo. Nunca desistem dos seus sonhos’.

A educação não deve preocupar-se em ensinar a criança e ao jovem a manipular instrumentos tecnológicos sem contextualizá-los num cenário de vivências. Hoje, se fala muito em inclusão digital, é importante, mas não pode ser isolada dos contextos existenciais, vivenciais, presenciais da condição humana, sob o risco dos educadores prepararem o jovem para o mundo tecnológico e não para um mundo mais humano.

Segundo Freire (2002, p. 34), o educador democrático não poderá jamais negar-se ao dever de reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Também, segundo o mesmo autor, na diferença e na distância entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodologicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação.

Ressalta que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Educar é substancialmente formar o homem para a vida. Os educadores que

formam o homem para a vida mudam paradigmas, transformam o destino de um povo em um sistema social sem armas, pois preparam seus alunos por meio de um espetáculo de idéias.

Uma formação pelo amor objetiva que seus alunos sejam líderes de si mesmos, que levem os jovens a ter flexibilidade no trabalho e na vida, pois se não reconstruírem as sociedades modernas, poderão tornar-se um grande hospital psiquiátrico.

Os valores humanos não devem ser encarados como um código de conduta imposto de fora para dentro. A educação em valores humanos na família e na escola deverá incrementar a capacidade de discernimento dos alunos e conscientizá-los da importância das suas escolhas. Desta forma, a educação consolida os valores e virtudes já existentes nos alunos e incentiva a superação de erros e defeitos.

Em 1963 o Educador Sathya Sai Baba, Reitor da Universidade de Puttaparthi, considerado como um grande educador da Índia contemporânea, juntamente com um grupo de educadores compostos por psicólogos, pedagogos e professores, elaboraram um Programa de Educação em Valores Humanos. A partir de 1973, começou a ser divulgado e em 1978 foi aprovado oficialmente pelo Governo da Índia e tem sido complementado extensivamente nas escolas. Inicialmente foi elaborado para crianças de 06 a 12 anos de idade de todas as origens, credos, raças e classes sociais. Atualmente sua aplicação vem sendo estendida para outras faixas etárias e tem constituído num valioso elemento que contribuiu efetivamente para deter os problemas que proliferam na sociedade atual como crimes, violência, drogas e preconceitos.

Segundo Sathya Sai Baba (2000, p. 3):

A educação é a verdadeira beleza do homem;
É o seu abundante tesouro escondido.
É o meio pelo qual o homem pode satisfazer todas as suas necessidades;
Também é a fonte da sua fama e prosperidade.
Ela é, realmente, o mestre dos mestres.
Quando alguém está fora em uma terra estrangeira, a educação é o pai e o amigo;
Ela é sua deidade suprema.
Nas cortes dos reis, a educação é reverenciada, não a riqueza.
Um homem sem educação é, verdadeiramente, um animal (SAI BABA, 2000, p. 18).

O Programa de Integração de Valores Humanos (PEVH) é uma integração criteriosa de filosofias e técnicas educacionais que visam à criação de uma nova realidade, e uma ordem social mais humana a partir da unificação do conhecimento.

O PEVH, de acordo com Martinelli (1999, p. 22) tem como finalidade principal:

- Conduzir os alunos ao caminho do auto-conhecimento e auto-realização mediante o desenvolvimento integrado da personalidade e da espiritualidade, independentemente de religião, seita, doutrina ou credo;
- Incentivar o espírito de cooperação, criatividade, o respeito às diferenças, a reverência e o amor pelos seres humanos pela natureza;
- Conscientizar os alunos de seus talentos e capacidades e estimulá-los com dignidade para o bem da comunidade;
- Libertar as pessoas do medo e da culpa impostos culturalmente e mostrar que só alcançamos a liberdade e a felicidade e diminuimos os conflitos quando não fazemos da nossa personalidade o centro, mas parte da vida;
- Mostrar que o poder está na lisura de caráter e na grandeza do espírito. Ensinar que a sabedoria está em aceitar as tribulações e dificuldades como forma de ensinamento. Viver a vida com honestidade, serenidade, integridade e compaixão;
- Facilitar a percepção da origem do ser humano e a compreensão da importância das necessidades básicas e coisas materiais. Preconizar o uso do dinheiro para o bem-estar social, como gerador de possibilidades e não como fonte de poder;
- Despertar nos alunos a consciência de que eles serão as lideranças que estabelecerão os moldes da sociedade futura e destino do país;
- Vivenciar o amor como pilar de sustentação da fraternidade humana e da sobrevivência da espécie e do planeta e a paz como valorização da vida.

O programa propõe uma educação universalista, humanista e espiritual. Pretende resgatar os valores humanos presentes em todas as filosofias, culturas e religiões. A conscientização e a prática dos valores humanos devem propiciar a fraternidade humana e a formação de uma sociedade planetária.

O educador deverá ser o próprio exemplo dos valores e utilizar a narrativa de contos e vidas edificantes de pessoas que deram demonstrações práticas da importância de viver os valores para facilitar a sua conscientização e assimilação.

A metodologia do programa integra todas as conquistas importantes na seara da educação, trata-se de uma mistura criteriosa das várias metodologias educacionais. Cultiva na sua essência a integração, o auto-conhecimento, o contato e a convivência consciente dos seres humanos entre si e com o meio ambiente. É de relevante importância englobar propostas educacionais para o oferecimento de riquezas e variedade de experiências para o aluno.

O PEVH não pode ser introduzido na escola como disciplina, pois esse não é o propósito, o trabalho deverá mostrar a ligação com temas ou conteúdos ensinados com uma situação vivida e a ser enfrentada.

O programa é o resultado da união salutar entre os pensamentos oriental e ocidental, pretende formar o caráter do ser humano universal, guiado por uma consciência ampliada, isenta de separatismos e preconceitos. Sobretudo, porque o mundo está revendo seus conceitos, as estruturas estão mudando inserindo a criação de novos padrões comungando

com novas filosofias e novas culturas. Homens e mulheres estão sendo convidados a superar dogmas e preconceitos, experienciando uma nova cultura mundial.

O programa tem sido adotado em escolas de cerca de 130 países que investem na educação em valores humanos, especialmente, por ações da iniciativa privada. Atualmente, no Brasil há escolas que aplicam essa metodologia. Em Curitiba, o Campus Universitário Bezerra de Menezes realiza seu trabalho pedagógico com base na proposta do PEVH.

O educar em valores humanos tem como meta despertar a consciência dos valores humanos como herança e conquista da personalidade. A educação é o fio condutor que desperta visões renovadoras do mundo e leva a descobertas científicas, humanas e espirituais. O que define o ser humano como tal são os valores e sua prática. O ensino moral e cívico como educação é instrução dirigida a formar determinada opinião e pode ser utilizada para manipulações político-ideológicas ou disputas acadêmicas e religiosas.

De acordo com Martinelli (1999, p. 28), os pais exercem relevante influência na formação do caráter dos filhos, moldam suas atividades, estimulam seus interesses, motivações, metas e o comportamento social. É de muita importância uma criança sentir-se amada, reconhecer nos seus pais e educadores(as) esse amor e afeto. Compartilhar com a família as dificuldades e conquistas e abrir o coração no relacionamento entre professores, pais e alunos constituem aspectos sumamente importantes da proposta do PEVH.

Martinelli (1996, p. 70) cita que o diálogo demonstra a capacidade das partes de ouvir e sentir o outro na busca da compreensão e do enriquecimento mútuo. O PEVH defende a formação integral do aluno, em que o professor é o condutor de energias, uma fonte de inspiração, mas não centra-se apenas na educação como conteúdo a ser ensinado, ensina a viver a vida e não apenas a ganhar a vida.

Os temas transversais visam a uma ampliação do conhecimento para que as questões fundamentais sejam enfocadas. O programa quer formar seres humanos felizes e capazes de construir um mundo melhor. Pois, entende-se que a vivência conjunta dos valores, das técnicas e das dinâmicas aplicadas entre funcionários e administradores facilita o relacionamento no trabalho, aproxima afetivamente as pessoas, gerando uma interferência positiva para a fluidez das tarefas em todos os setores da administração.

A ética deve ser vista como uma bagagem de virtudes contidas no íntimo do ser humano e uma postura consciente diante das relações consigo, com os demais, com a natureza e com a universalidade de expressões culturais da humanidade. É trabalhada na descoberta do

manancial de virtudes latente em cada criança pela auto-descoberta, pela reverência e pelo respeito para com as diferenças.

Martinelli (1996, p. 70) enfatiza que os educadores precisam ser reeducados, pois, estão oferecendo inquietudes e incertezas às crianças, esquecendo-se da aproximação, de maneiras de falar, agir e viver contribuem para a formação da sociedade.

Apenas os seres humanos são capazes de sentir e demonstrar respeito e reverência. O respeito mútuo nasce do amor, que flui e restaura a dignidade e a nobreza dos pensamentos e atitudes. O ensino somente pode ser valioso por meio da doação, colaborando para a criação de novas realidades. Educar em valores humanos parte do reconhecimento dos valores e princípios como base para a construção do conhecimento e a percepção integral para melhor aproveitamento do potencial da inteligência. O educador precisa combinar conhecimento pedagógico e cultural com capacidade de expressar suas habilidades com amor e generosidade.

Um coração amoroso implica numa revitalização do sistema educacional e uma ampliação da capacidade de amar dos educadores. Educar com o coração é servir e se tornar um agente de crescimento e de transformação.

Ensinar com afeto, paciência, discernimento, segurança e prazer, sem arrogância ou qualquer tipo de autoritarismo essa é a postura do educador em valores humanos diante do aluno e da tarefa de educar.

Disciplinar mediante a auto-conscientização, visando a canalização adequada de energias vitais e emoções, e não por repressão ou imposição. No entanto, se os limites disciplinares forem ultrapassados, devem ser objeto de análise e reflexão entre professor, aluno e pais, se necessário, em buscas de soluções conjuntas, dando prioridade à criança e suas características.

A auto-observação e análise deve ser uma constante para quem pretende ver a educação como um processo bilateral, em que o educador educa e ao mesmo tempo é educado. Quem educa em valores humanos deve ter a humildade daquele que busca, a perseverança dos que têm fé e a alegria sempre renovada da doação.

Um sistema educacional que negue ou negligencie o nível intuitivo e espiritual da personalidade é incompleto e insatisfatório. Do coração nasce a revelação da verdade, o cultivo do intelecto e dos bons hábitos de civilidade não basta, a educação deve ter por finalidade a construção do caráter, despertando a consciência da divindade inerente e

imane a cada indivíduo. Intelecto e intuição caminham juntos, um identifica a verdade relativa, outro, a realidade essencial.

O professor moderno precisa otimizar seus mecanismos de transmissão de informação fazendo com que se transforme em conhecimento. O poder do coração é contagiante. Assim como a lucidez e a criatividade atraem, o amor unifica.

Num mundo globalizado vive-se a interdependência. A realidade e a ação não são mais globais, mas locais, ou seja, locais e globais. O local é inseparável do global. A partir deste referencial pode-se concluir que a educação está predestinada a ter um papel complexo e fascinante no desenvolvimento humano. Mas se o papel da educação é voltar-se para o desenvolvimento humano e não apenas qualificar estudantes para o mercado de trabalho ou mesmo não reverenciar simplesmente valores do passado, como esse processo educativo deve ser compreendido?

De acordo com a UNESCO, em artigo publicado por Jacques Delors *et al.* (1998, p. 89-102), os quatro pilares da educação são: (aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser), sendo não apenas assinalada, mas também marcada pelos maiores educadores e pensadores do planeta.

A partir desta apresentação didática, refletem-se como frutos da experiência com educação e cultura e de encontros nacionais e internacionais ao longo dos últimos 20 anos.

Pilares da educação fundamentada em valores humanos

Aprender a conhecer

Sem dúvida, o aprender a conhecer é um dos pilares da educação, pois, é uma das finalidades da vida dos seres humanos. Conhecer, descobrir mundos imagináveis ou inimagináveis. Entretanto, cabe perguntar conhecer o que? O procedimento científico de interpretar o mundo?

Tiba (2005, p. 202) argumenta o seguinte:

Conhecimentos são ferramentas plásticas de multiuso, que podem ir sofrendo adaptações, adequações, modificações e transformações à medida que estas forem necessárias. Informações são dados estáticos, hoje, facilmente encontráveis em

muitos lugares... A importância maior está em ampliar os conhecimentos, porque é com eles que nos tornamos mais competentes neste mundo tão competitivo.

Existem sociedades, cujas elucubrações são diferentes da sociedade brasileira. Num país como a Índia, por exemplo, a maior forma de comunicação é o silêncio, depois o gesto e, por último, a palavra, já no mundo ocidental é o inverso.

Segundo Sai Baba (2000, p. 6):

Hoje, os estudantes não estão fazendo qualquer esforço para entender a santidade e a importância do verdadeiro conhecimento. O prestígio de um indivíduo não depende só da educação. Junto com a educação, a cultura também é muito essencial. A pessoa só será respeitada e reverenciada quando possuir educação e cultura. A educação moderna dá apenas informação; não conduz à transformação. Só a cultura pode causar a transformação. A educação sem cultura pode ser comparada a um campo sem provisão de água, um fio elétrico sem energia, uma casa sem luz, uma escola sem professor e um templo sem deidade. A juventude moderna perdeu sua direção com a ausência dos valores culturais.

No entanto, Freire (2002, p. 95) enfatiza que a curiosidade inquieta o aluno e este se insere numa busca constante. Por isso, exercer a curiosidade de forma correta é um direito que se tem como gente e isso corresponde a lutar por ela também.

Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou do conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de tomar distância do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de cercar o objeto ou fazer ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar (FREIRE, 2002, p. 95).

Portanto, a educação deve possibilitar ao aluno conhecer o mundo e suas diferentes culturas, também outros mundos que se cruzam com os processos trans-culturais.

Não é justo que negros e índios tenham que ser reeducados com categorias peculiares, visão e integrar-se ao mundo dos brancos negando sua essência, sua ancestralidade e sua cultura.

Segundo Freire (1996, p. 62):

O mundo da cultura que se alonga em mundo da história é um mundo de liberdade, de opção, de decisão, mundo de possibilidade em que a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada. por isso mesmo, a capacitação de mulheres e de homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética.

A escola neste milênio terá que abrir sua mente e suas portas para outros saberes não oficiais ou formais, para a multifacetada experiência humana, contribuindo para novas sínteses oriundas dos saberes e da transdisciplinaridade.

Aprender a fazer

Trata-se de um tema bastante amplo, de modo que aprender a fazer é desenvolver as capacidades individuais e coletivas: habilidades profissionais, artísticas, científicas, comunicacionais, políticas, entre outras.

Para aprender a fazer é vital democratizar a palavra, vivenciar desde a infância a democracia, perder o medo da rígida hierarquia escolar, desenvolver competências e acrescentar humanidades as pessoas, e com uma visão de sociedade sustentável.

É a chave é o pensar-agir, a coerência entre o conhecer e aplicação prática do conhecimento, a transformação de realidades pela construção de parâmetros éticos na vida cotidiana.

Aprender a viver juntos

Este talvez seja o maior desafio do processo educativo. Neste contexto é fundamental o reconhecimento da diversidade e o respeito aos valores do pluralismo. A escola ainda não está preparada para reconhecer e dialogar com as diferenças. A dialogia na comunidade escolar é pobre. Os professores, além da troca de cumprimentos e idéias rápidas na sala dos professores e nos intervalos, se conversam muito pouco; entre professores e alunos há uma autêntica muralha: alunos desconfiam de professores, grande parte dos professores se consideram donos do poder e do saber e matam o espírito crítico do aluno e a sua curiosidade; não há uma cultura de relacionamento entre professores, alunos e funcionários, estes são mão-de-obra pronta para servir e não para serem considerados como sujeitos dos processos educativos.

Segundo os artigos 24 e 25 do Parecer CEE nº. 67/98, de 18 de março de 1998 - Normas Regimentais Básicas para as Escolas Estaduais - Diretrizes e Bases da Educação Nacional: legislação e normas básicas para sua implementação:

Artigo 24 - As normas de gestão e convivência visam orientar as relações profissionais e inter-pessoais que ocorrem no âmbito da escola e se fundamentarão em princípios de solidariedade, ética, pluralidade cultural, autonomia e gestão democrática.

Artigo 25 - As normas de gestão e convivência, elaboradas com a participação representativa dos envolvidos no processo educativo - pais, alunos, professores e funcionários - contemplarão, no mínimo:

I - os princípios que regem as relações profissionais e inter-pessoais;

II - os direitos e deveres dos participantes do processo educativo;

III - as formas de acesso e utilização coletiva dos diferentes ambientes escolares;

IV - a responsabilidade individual e coletiva na manutenção de equipamentos, materiais, salas de aula e demais ambientes.

Parágrafo único - A escola não poderá fazer solicitações que impeçam a frequência de alunos às atividades escolares ou venham a sujeitá-los à discriminação ou constrangimento de qualquer ordem.

O saber formal é um saber autoritário, impondo verdades duras na realidade escolar, de forma que os educadores devem repensar no seu papel, pois, sua função nos processos educativos deve consubstanciar-se não apenas como fiscais da qualidade discutível de ensino, mas, também como transformadores de realidades e impulsionadores de novos paradigmas da educação.

Com este horizonte os supervisores poderão tornar-se elos para a construção da cultura e da paz nas escolas e na comunidade escolar. Ações de cooperação entre alunos e da escola com a comunidade devem estar centradas nas atividades escolares, pois o sucesso individual e a competição norteiam a vida em sociedade e o imaginário social.

Aprender a ser

Aprender a ser deveria ser a finalidade última de todo o processo educativo na família, na vida religiosa, comunitária e escolar. Para aprender a ser, o estudante deve ser formado na sua integralidade: inteligência, sensibilidade, responsabilidade social e pessoal, ética, espiritualidade, entre outros elementos. Ao contrário de uma educação tradicionalista deve afirmar o direito de criar fundador da cultura e construir-se como sujeito.

Considerações finais

Conclui-se com esse trabalho que os Valores Humanos são de relevante importância no contexto escolar. Pois, ainda que o Programa de Educação em Valores Humanos não funcione como uma disciplina escolar, sendo apoiado por metodologias sistemáticas, alicerça

o caráter do aluno em fase de adolescência, moldurando-o para ocupar o lugar no futuro homem que está para se projetar em fases mais adiantadas da vida.

Tendo em vista a estatização da escola, como consequência, em sua posição neutra em matéria de valores, corre-se o risco de preparar gerações amórficas e oportunistas ao sabor da facilidade intelectual. Sendo assim, o Programa de Educação em Valores Humanos é uma conquista de muitos estudiosos dedicados a promover maior humanização entre os indivíduos.

Verificou-se com este estudo que a prática dos Valores Humanos na escola podem contribuir para recolher as ações de violências, tanto de grupos, quanto de indivíduos, envolvendo, arrogância, maus tratos para com os colegas de turma e agressões entre alunos/professores e alunos/pais.

Atitudes constituem bons preditores de comportamento, por isso, os comportamentos devem estar imbuídos de valores, cujos princípios que os caracterizam desempenham funções importantíssimas, contribuindo para a ausência de conflitos.

A busca da mudança de atitude, tendo em vista a paz, o amor, a não violência, a vivência junto com o outro, a ação correta, a verdade e muitos outros atributos, são elementos considerados relevantes no contexto de uma educação voltada para a humanização.

Entende-se que o conhecer envolve a inteligência, sensibilidade, responsabilidade social e pessoal, ética e espiritualidade, por isso, conhecer os preceitos constantes na educação de Valores Humanos possibilita aos alunos mesclarem-se com tais pressupostos, assemelhando-se cada dia mais à eles.

REFERÊNCIAS

AGATTI, Antônio Pascoal Rodolfo. **Os valores e os fatos: o desafio em ciências humanas**. São Paulo: 1977, 178p.

CAMPOS, Maria Tereza de; RIBEIRO, Cláudia. **Adolescências e participação social no cotidiano das escolas**. A paz também é a gente que faz. Campinas: Mercado das Letras, 2002, 176p.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DELORS, Jacques (coord.) *et al.* **Educação: um tesouro a descobrir; relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1998. cap. 4, p. 89-102.

FARIA, Hamilton. **Educação e cultura da paz**. Instituto de Estudos e Assessoria e Formação em Políticas Sociais. 2002. Professor titular da Faculdade de Artes Plásticas da FAAP, e

coordenador da área de Cultura do Instituto Pólis. Publicado em: 05/06/2002. Texto elaborado especialmente para o Congresso da APASE - Sindicato de Supervisores do Magistério no Estado de São Paulo, Águas de Lindóia, Estado de São Paulo, maio de 2002. Disponível em <<http://www.polis.org.br/publicacoes/artigos/hfeducpaz.html>> Acesso em 18 jul 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 165p.

_____. **Educação e mudança**. Biblioteca Central da UFPB. 12. ed. Pernambuco: Paz e Terra, 2003.

GRUNSPUN, Haim. **Autoridade dos Pais e Educação da Liberdade**. 3. ed. São Paulo: Almed, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da Personalidade**. São Paulo: Nova Fronteira, 1978.

LUCAS, Miguel. **A Arte de Ensinar**. Ensine como Santo Agostinho. São Paulo: IBRASA, 1984.

MARTINELLI, Marilu. **Aulas de transformação**. 7. ed. São Paulo: Peirópolis, 1996, 141p.

_____. **Conversando sobre educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1999.

MONTESSORI, Maria. **Em Família**. Rio de Janeiro: Nórdica (s.d).

SALMASO, José Luís. **Projeto político-pedagógico: uma perspectiva de identidade no exercício da autonomia**. Professor do Cefet-Sp. FERMI, Raquel Maria Bortone Professora da Rede Municipal De São Paulo. 2005. Disponível em <<http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/4p32c.html>> Acesso em 15 jul 2008.

OSBORN, Richard N.; HUNT, James G. SCHERMERHORN JR. **Fundamentos de comportamento organizacional**. 2. ed. São Paulo: Bookman, 1999.

RIBEIRO, Claudia. **Adolescências e participação Social no cotidiano das escolas: “A paz também é a gente que faz”**. São Paulo: LTC, 2002.

SÃO PAULO. Parecer CEE Nº 67/98, de 18 de Março de 1998. Normas Regimentais Básicas para as Escolas Estaduais. Secretaria da Educação/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Diretrizes e bases da educação nacional: legislação e normas básicas para sua implementação**. São Paulo: Malheiros, 2001, p.1035-1036.

SAI BABA, Sathya. **A Verdadeira educação conduz à divindade**. 2000.

TIBA, Içami. **Quem ama educa!** São Paulo: Gente, 2002, 302p.

_____. **Adolescentes: Quem ama, educa!** São Paulo: Imegrare, 2005, 301p.

PUEBLA, Eugenia. **Educar com o coração.** São Paulo: Peirópolis, 2000.